

"(...) se muitos dos nossos companheiros de crença não podem compreender a amizade de um médium a uma instituição venerável como a Federação, que esperar dos nossos inimigos gratuitos? Temos de ouvir-lhes as levianidades, receber-lhes os golpes e seguir para a frente."

Surge «Irmão X». — O caso Humberto de Campos

2 — 3 — 1945

"(...) Tenho uma novidade para dar-te. O nosso amigo voltou a escrever, fazendo-se sentir agora com o nome de "IRMAO X". Achei curioso o primeiro trabalho que nos traz, nesta nova fase, e envio-te a cópia que datilografei para mandar-te. Se quiseses publicá-la no "Reformador" poderás fazê-lo, sendo que te envio o trabalho para esse fim.

Emmanuel, pela audição, me recomendou te pedisse, caso julgues oportuna a publicação da mensagem inclusa, que ela seja feita pelo "Reformador", sem qualquer alusão especial ao fato de o nosso amigo ter-se decidido a usar pseudônimo e nem qualquer referência ao nome que usou, como escritor, em nosso meio, poupando-lhe o espírito de novos dissabores. Para treinar no que Emmanuel me pediu, não farei mesmo alusão ao antigo nome dele nem mesmo em carta. Peço-te, pois, meu amigo, caso publiques o trabalho, que ele seja apresentado puramente assim como te envio, sendo que, segundo Emmanuel me disse, os leitores do "Reformador", companheiros do coração, entenderão de pronto o assunto, sem necessidade

de esclarecimentos escritos, ao mesmo tempo que evitaremos o assédio da grande imprensa, da qual, segundo o que Emmanuel me disse hoje, temos necessidade de descansar para atender ao que ele denomina "produção mediúnica pacífica e construtiva". (...)

Temos assim o esclarecimento de como surgiu o IRMAO X, pseudônimo adotado pelo Espírito Humberto de Campos, após o rumoroso processo que os familiares do escritor desencarnado moveram contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier.

Todo esse caso do processo está esplendidamente registrado pelo advogado Dr. Miguel Timponi, convidado pela FEB para defendê-la e ao médium, no seu livro "A Psicografia ante os Tribunais" (Ed. FEB).

O processo chamou a atenção de todo o País, pois a família de Humberto de Campos, ao acusar a Federação Espírita Brasileira e a Francisco Cândido Xavier do uso indevido do nome do escritor e de auferirem vantagens monetárias com a venda dos livros, pretendia então que o Tribunal sentenciasse se essa obra literária mediúnica era ou não do Espírito Humberto de Campos. Em caso negativo, pedia a apreensão de todos os exemplares, proibição do uso do nome do escritor e pagamento de perdas e danos. Em caso afirmativo, isto é, se ficasse provado que o autor era mesmo Humberto de Campos, solicitava que o juiz declarasse a quem pertenceriam os direitos autorais, se à família do autor espiritual ou à FEB.

O Dr. Miguel Timponi fez brilhantemente a defesa e recomendamos ao leitor o livro citado, para se inteirar de todo o andamento do curioso processo e da decisão do juiz.

Todavia, não somente a FEB e Chico Xavier sofrem com o episódio. A outra vítima dos comentários desen-

contrados, do alarido perturbador que se levantou por toda parte, é Humberto de Campos.

Evidentemente, também ele é atingido. Sendo o centro da questão, o alvo maior dos comentários, recebe vibrações de todos os lados. Acresce ainda a sua preocupação com o seu médium e com a Federação. E se isto não bastasse, imaginemos o seu sofrimento, as suas inquietações em relação àqueles a quem estava ligado por laços de parentesco. São esses sentimentos e emoções que ele extravasa em mensagem psicografada em 15 de julho de 1944:

"Não desconheço minha pesada responsabilidade moral, no momento, quando o sensacionalismo abre torrente de amargura em torno de minh'alma.

Recebeu-me a Federação Espírita Brasileira, generosamente, em seus labores evangélicos, publicou-me as páginas singelas de noticiário desencarnado, concedendo-me o ingresso na Academia da Espiritualidade. E continuei conversando com os desesperados de todos os matizes, voluntariamente, como o hóspede interessado em valer-se da casa acolhedora. (...)

.....
Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do Direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se o mecanismo processual e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juízes. Que é seme-

lhante reclamação para quem já lhes deu a vida da sua vida? Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto são elas executadas sem esquecimento de um til.

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e os mais nobres serviços humanos.

Quero, porém, salientar, nesta resposta simples, que meus filhos não moveram semelhante ação por perversidade ou má-fé. Conheço-lhes as reservas infinitas de afeto e sei pesar o quilate do ouro da carinhosa admiração que consagram ao pai amigo, distanciado do mundo. Mas, que paisagem florida, em meio do mato inculto, estará isenta da serpe venenosa e cruel? É por isto que não observo esse problema triste, como o fariseu orgulhoso, e sim como o publicano humilhado, pedindo a bênção de Deus para a humana incompreensão. (...)

.....
Diante, pois, do complicado problema em curso, ajoelho-me no altar da fé, rogando a Jesus inspire os dignos juízes de minha causa, para que façam cessar o escândalo, em torno do meu Espírito, considerando que se o próprio Salomão funcionasse nesta causa, ao encarar as dificuldades do assunto, teria, talvez, de imitar o gesto de Pilatos, lavando as mãos..." ("A Psicografia ante os Tribunais", págs. 55 e 56, 5ª ed. FEB.)

Entretanto, se analisarmos mais profundamente essa celeuma que se formou em torno dos personagens desse drama incomum, chegaremos à conclusão de que os envolvidos, em maior ou menor intensidade, deveriam estar

côncios dos obstáculos que poderiam surgir. Todos sabiam antecipadamente os riscos que teriam de correr. Tanto Humberto de Campos quanto Chico Xavier e Wantuil de Freitas não estavam alheios aos percalços da ingente caminhada da difusão da Doutrina Espírita através da mediunidade com Jesus.

Quando da preparação que antecedeu à reencarnação de Chico Xavier e dos demais companheiros que iriam apoiá-lo na esfera terrestre, particularmente Wantuil de Freitas, por certo todos foram prevenidos das dificuldades da tarefa, dos prováveis sofrimentos, das lágrimas e adversidades que, possivelmente, lhes assinalariam a jornada redentora. Simultaneamente, foi-lhes mostrado a sublimidade da obra a ser encetada, o alcance do trabalho a ser desenvolvido, a importância de toda aquela programação que recebera a inspiração e aprovação direta de Ismael.

O próprio Humberto de Campos diria no prefácio de "Crônicas de Além-Túmulo", datado de 25 de junho de 1937, numa espécie de previsão ou, talvez, com a preocupação de deixar tudo bem esclarecido desde o início:

"Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária a determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olímpio. A Lei já não cogita mais da minha existência, pois, do contrário, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam séria ameaça à tranquilidade dos vivos.

"Enquanto aí consumia o fosfato do cérebro para acudir aos imperativos do estômago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária. O médium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangélica do "dai de graça o que de graça recebestes", e a Federação Espírita Brasileira, instituição venerável que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade pública, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio

de Janeiro, pelas suas respeitáveis finalidades sociais, pela sua Assistência aos Necessitados, pelo seu programa cristão, cheio de renúncias e abnegações santificadoras."

É óbvio que não há o determinismo para o mal nas Leis Divinas. Portanto, não consta de qualquer programação, de quaisquer processos reencarnatórios, que uma pessoa esteja fadada a ser elemento de perturbação, que tenha, enfim, a missão de fazer o mal, como se costuma dizer. As coisas se encaminham por força do livre-arbítrio das criaturas, que optam pelos próprios rumos e atitudes.

Assim, não se afastava a hipótese de perseguições soezes, de agressões de toda sorte, porquanto o preconceito contra a Doutrina Espírita era muito grande ainda àquela época, como também porque as trevas sempre tentam impedir a chegada da luz.

Para enfrentar os naturais e previstos óbices da caminhada, todos os envolvidos nessa programação, que tem em Chico Xavier o pólo centralizador, traziam consigo reservas espirituais compatíveis. Quando o problema surgiu, de inopino, foi normal a reação de perplexidade e dor. Mas, refazendo as energias, refugiaram-se na prece e na busca de uma defesa equilibrada, o que conseguiram com muito sucesso por intermédio do Dr. Miguel Timponi e seus colaboradores. A FEB mobilizou-se, ao comando de Wantuil de Freitas, cercando Chico Xavier de todo o carinho e apoiando-o com os recursos imprescindíveis que o momento exigia.

Em decorrência disso tudo, Humberto de Campos volta a se comunicar trazendo a sua identidade oculta sob o pseudônimo de IRMÃO X. Chico diz, então, que devem ter prudência em não mencionar o seu verdadeiro nome, atendendo à orientação de Emmanuel. Mesmo porque, o nobre Instrutor reconhece ser preciso uma pausa, um descanso, com vistas a uma "produção mediúnica pacífica e construtiva".

"(...) devo dizer-te que, ao sentir-me de novo visitado por esse amigo espiritual, a que nos referimos aqui, experimentei preocupações e receio. Por causa das mensagens dele tenho entrado em lutas muito fortes que eu, francamente, não desejaria ver repetidas, embora saiba que é a Vontade do Senhor que deve ser cumprida e não a nossa. Não fugirei, de modo algum, aos meus deveres para com a mediunidade, mas rogo a Jesus para que cessem as lutas de opinião, por vezes tão amargas, não para a minha miserável pessoa que nada vale, mas para o campo de trabalhos de nossa Consoladora Doutrina e para os meus amigos da Federação, dedicadíssimos à luta venerável do bem e que não devo estar perturbando com assuntos desagradáveis. Sei que me compreendes e isto me conforta. Desse modo, se a Federação lançar o trabalho da fase nova desse companheiro espiritual que tanto tem se esforçado pela causa do Espiritismo Cristão, reservar-nos-emos quanto à identificação do autor tão-só para as conversações e entendimentos verbais, evitando-se qualquer referência escrita. Se alguém, noutras publicações doutrinárias, mais tarde, escrever alguma coisa nesse sentido, o que não poderemos evitar, correrá por conta dos que escreverem semelhantes observações em outros círculos, não achas? Quanto a nós, com a ajuda de Deus, ficaremos em contacto doravante com o "Irmão X", amando-o pelo que ele é e pelo que nos traz e não pelo seu nome. Ao enviar-te esta mensagem rogo a Jesus para que esta nova fase dele seja pacífica. Perdoa-me estas considerações (...), mas sinto que, em te escrevendo, não devo ocultar meus estados de alma. (...)"

Quando Humberto de Campos retorna à lida, através da psicografia, Chico sente-se receoso. As lutas enfrentadas foram duras e difíceis. Não se sente em condições de recomê-las. O tom de desabafo marca as linhas iniciais deste segundo trecho, mas, logo em seguida, Chico

assinála que é a "Vontade do Senhor que deve ser cumprida".

Observemos que ele manifesta, primeiramente, a preocupação que o domina com o retorno de Humberto de Campos. Confessa seus receios e deixa transparecer que está um tanto desgastado pela refrega. Mas, imediatamente, ressalta que não fugirá dos seus deveres para com a mediunidade. Sabe que poderão advir novos problemas e dissabores, mas não se esquivará ou se afastará do seu dever.

Diante desse exemplo de tenacidade, e, sobretudo, de coragem da fé, quedamo-nos a refletir.

Incontável é o número de pessoas que, conhecendo o labor de Chico Xavier, aspiram a ser também médiuns com os recursos e aptidões que ele, Chico, possui. Mas, bem poucos conhecem o altíssimo preço que têm de pagar no sacrifício e na abnegação, na silenciosa e contínua renúncia de si mesmos.

A sementeira do Bem é sempre árdua e custosa. Esse o preço da felicidade real e definitiva que todos teremos de pagar, um dia, se quisermos conquistá-la.

Quantos de nós não teríamos abandonado o serviço em meio, ao primeiro sinal de tempestade? Quantos teríamos prosseguido, mesmo chorando e sofrendo, humilhados e injustiçados pelos próprios companheiros e pelos inimigos gratuitos?

Quem estará disposto a beber desse cálice?

Lutas contra as restrições. — Fechamento da FEB

6 — 4 — 1945

"(...) Muito grato pela remessa de "O Psicógrafo" e "Materialização" com as instruções. Ótima lembrança! Ao recebê-la, recordei o nosso Dr. Guillon, em 1942, quando se organizou o "Reportagens de Além-Túmulo". Ele e eu, embora distantes um do outro, combinamos o esforço para o mesmo fim. (...) Meus parabéns pelo trabalho que foi efetuado, junto à Chefatura de Polícia. Hoje, os jornais, aqui em Minas, já noticiam a decisão administrativa de fazer cessar as restrições contra as nossas atividades religiosas. A notícia me alegrou muito e felicito-te pela medida. (...) Admiro-te a fibra de trabalhador incansável e peço a Jesus te fortaleça na Obra de Ismael, na restauração do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo. (...)"

Guillon Ribeiro e Wantuil de Freitas, convocados ambos a tarefas pioneiras e de grandes responsabilidades, na implantação da Doutrina Espírita em nosso País, tiveram — como não podia deixar de ser — vínculos muito profundos no desempenho da missão que lhes fora con-